

Aloísio Resende

Manoel de Xangô

De **Manoel de Xangô** distante corre a fama,
Pois dele o povo diz coisas tão singulares,
Que bem pouco há descrer do quanto se proclama
Desse **babalaô** de exóticos esgares.

Enquanto em se lhe vendo a vez primeira crê-se
De uma pobre criatura, apenas, se tratar,
Porque nada de mais nos falsos gestos lê-se,
Que o **pai-de-santo** venha ao menos revelar.

Quando na intimidade, ali, no seu **terreiro**,
Deixa como de parte os recatos e as manhas
Deixa, para se ver o ousado **macumbeiro**,
Com trejeitos expondo as múltiplas façanhas.

Fala de si com garbo e com certo entusiasmo
Descreve fatos tais que o próprio céu duvida,
Fatos que de se ouvir até se fica pasmo,
Que a glória são, talvez, maior de sua vida.

Do **feitico** se preza que é temido.
E chama-o de **responso** o preto não papalvo,
Prevendo achar-se um dia em tramas envolvido,
Para que possa ver-se um tanto posto a salvo.

De já ter acabado um próximo casório
É o de que mais se ufana o cafuz da **Tapera**,
E diz que tudo fez com simples **respensório**,
Ancho desse poder que então **Xangô** lhe dera.

Caro embora pagasse a atrevida aventura,
Pela qual recebera um distinto exalçam-lhe a figura,
Se dele o caso ouvindo exalçam-lhe a figura,
Demonstra o riso alvar que um certo orgulho sente.

E o **Manoel de Xangô**, que não sabe ter pena,
Mas sabe na **macumba** o mal que vai fazer,
Tal **mexeu no alguidar**, que a formosa morena,
Nunca mais, nunca mais do noivo quis saber!

(Aloísio Resende, p. 58.)